

25

EXPRESSÃO
 DE HUMA VELHA,
 DIRIGIDA AO FELIZ DIA
 DA
 ACCLAMAÇÃO
 DA
R A I N H A
 NOSSA SENHORA.



L I S B O A.

Na Officina de MANOEL COELHO AMADO.

ANNO M. DCC. LXXVII.

Com licença da Real Mesa Censoria.

SONETO.

COm Estrellas no Ceo, de madrugada,
 Dia d'Acramação, juro, e prometto,
 De prantar-me sózinha, co' meu neto
 No Terreiro do Paço repimpada.

Que venham fobre mim de cambulhada
 Os Soldados, com isso me não meto :
 Hei de fincar-me alli como hum espeto,
 Im que eu saia dalli esburralhada.

A's costas o meu neto tomarei,
 Para ver a Rainha taõ potente ;
 Co's olhos na Tùburna assim estarei.

E assim que escramar o Povo, a gente,
 Viva a nossa Rainha, o nosso Rei,
 Abraço o neto, e morro de contente.

A MESMA VELHA

*Exposta no Terreiro do Paço no feliz Dia da
Acclamação, com o neto ao colo, rompe
no seguinte:*

SONETO.

Sanctus Deus ! Sanctus Fortis ! Que bellezã
Na Tuburna Real se descortina !
Toma tento , meu neto , o rosto incrina ,
Pefgega os olhos naquella gentileza.

Levanta as mãos ao Ceo , levanta , e reza
Todo o Credo de cór , toda a Doutrina ;
E pela Magestade pelingrina
Offrece tudo , e tudo com craleza.

Lá põe no Livro a mão. Que rica alyura !
Olha o Rei , os Fidalgos taõ contentes :
Repara na Rainha : agora jura.

Ouve os vivas que daõ todas as gentes.
Que grolia ! Que alegria ! Que ventura !
Morramos aqui neto de contentes.



G L O S A.

Neto, repára bem, volta a carinha,
Retira já os olhos dessa banda,
Olha para acolá, vê a Rainha,
Não te inleve o incessio da varanda:
Ergue mais, rico neto, a cabecinha,
Para alli o corpinho mais defanda:
Olha, lá está. Não vês? Rica Princeza!
Sanctus Deus! Sanctus Fortis! Que belleza!

II

Vê-la já, rico neto? Põe-te a ponto.
Tu dizes que não vês? Eu te arrenego.
Olha para acolá, rapaz. Es tonto?
Pois antans, vê-la já, ou tu es cego?
Está quieto co' cu, que se me affronto,
Já no chão rabolindo te prospego.
Olha, neto: a Rainha pelingrina
Na Tuburna Real se descortina.

III.

He forte coufa , he , Vês já , zarolho ?
 Inda naõ vês ? Ah tal ? Naõ vez mosino ?
 Ora quem ha de crer , sem pôr refolho ,
 Hum rapaz de tres annos sem ter tino ?
 Olha para acolá , olha trambolho :
 Finca-me os pés nos hombros , põe-te a pino :
 Repaira n'hum a avó , que bem te ensina :
Toma tento , meu neto , o rosto incrina.

IV.

Pois antans , vêla já ? Deos te aberrrente
 Se me dizes que naõ , mais outra vez.
 Ah ! Já dizes que fim ? Já estás contente ?
 Ora graças a Deos que já a vês :
 Naõ pules tanto , neto : tem mão , ten-te ,
 Porque pôdes cahir , quebrar os pés :
 Com proposto , com termo , e fífudeza ,
Pespêga os olhos naquella gentileza.

V.

Levanta as mãos ao Ceo , vê como estou :
 Põe o dedo méminho mais igual :
 Dize a nosso Senhor : Graças vos dou
 Por dares tal Rainha a Portugal :
 A tristeza de nós se desterrou ,
 O prazer em nós todos he geral :
 Isprica isto , neto , com craleza ,
Levanta as mãos ao Ceo , levanta , e reza.

VI.

Tu para a Bella Cruz pediste em Maio ,
 Sabes mais orações que os Estudantes :
 Mais cralo fallas tu que hum pacagaio :
 Falla agora tambem , naõ te atarantes :
 Sahistes á nacença como hum raio :
 O mesmo que hoje es , já eras d'antes :
 De hum anno já sabias bem , traquina ,
Todo o Credo de cor , toda a Doutrina.

VII.

Não te affoes á mão. Não ouves, neto?
 Não te coces, rapaz, que te isgadelhas:
 Se tu não pões as mãos, nem estás quieto,
 Vem comer-te o papão hoje as orelhas:
 Raza tu, meu menino: eu te prometto
 Contar-te á noite o conto das tres velhas:
 Por Deos te peço isto, (ah tal mofina!)
E pela Magestade pelingrina.

VIII.

Bom, bonito menino: pede, pede:
 Raza, meu rico neto, raza, raza:
 Hei de dar-te hum xicra de cafede
 A' noite, quando fores para caza:
 Ora já que a memoria não te impede,
 E a lingua tambem não se te atraza,
 Pela Rainha, Rei, e Príncipeza,
Offrece tudo, e tudo com crateza.

IX.

Bemdiçoadado sejas: não es tolo:
 Es a consolação desta velhisse:
 Certamente pegava em ti ao colo:
 A Senhora Rainha se te ouviſſe:
 Dá, meu neto, á cabeça hum truficolo:
 Olha lá para ella. Que denguiſſe!
 Repaira bem naquella fermosura:
Lá põe no Livro a mão. Que rica albura!

X.

Repaira na tremenda multidaõ
 Do Povo, com que está hoje affitida:
 Como já lhe tem dado o coração,
 Primette tambem dar por ella a vida:
 Repaira com bastante reflexaõ,
 Tu que tens inda a vista bem comprida:
 Vê o gosto que vai nos assistentes:
Olha o Rei, os Fidalgas taõ contentes.

Jesus o que lá vai ! He huma onia !
Eu pasmo como o gozo de Saõ Roque !
Eu naõ sei construgir tanta cermonia !
Nem sei que futunica aquelle Estoque !
Quem será que me deo na caximonia
C'uma bola de cera hum grande coque ?
Ai , neto , põe-te agora em direitura :
Repara na Rainha : àgora jura.

XII.

Já os vivos parece vem zinindo :
Prepara-te , meu neto : agora escarra :
Em tu ouvindo viva , rabolindo ,
Por pés , mãos , e cabeça a mim te agarra :
Tu , meu neto , has de dar vivas sem findo :
Eu hei de aberrentar como cigarra :
Mas primeiro , rapaz , naõ te adientes ,
Ouve os vivos que daõ todas as gentes.

XIII.

Ahi sahe á Tuburna já veloz ,
Da noticia feliz o mensageiro :
Queira Deos que elle tenha huma voz ,
Que triscale por todo este Terreiro :
Naõ he só Portugal , naõ samos foz
Os alegres : Estranho , ou Estrangeiro ,
Neste mesmo prazer hoje se apura :
Que grolia ! Que alegria ! Que ventura !

XIV.

Já os vivos compeçam : nunca tive
Hum prazer , ou hum gosto desta maça :
Vive , bella Rainha , vive , vive :
Ai , neto da minha alma , abraça , abraça :
Im tégora , meu neto , me sustive ;
Mas agora , no meio desta Praça ,
Aos pés da Rainha , reverentes ,
Morrámos aqui neto de contentes.

João é que se cal! He mais o an!
 Eu passo como o gozo de São Roque!
 Eu não sei construir tanta cermônia!
 Nem sei que lufanias apucelle Elogio!
 Quem fêz que me deu as cermônias
 Quem pôs de cêra tanta grande cômputo?
 Ai, acio, que se agôz em dantadas!
 Repara na lêmnia; agôz agôz.

XII

Já os vives parece vem saindo:
 Prepara-te, meu acio: agôz cêrta:
 Em tu entrando vive, respondendo,
 Por pôs, nêz, e capêz a mui te cêrta:
 Tu, meu acio, has de dar vives sem lido:
 Eu sei de apertar como cêrta:
 Mas primeiro, repaz, não te adêz:
 Ou se vives que não te adêz.

XIII

Ah! não se vives, se vives,
 De nêz, se não o nêz;
 Quem Deus que elle tenha huma voz,
 Que trêça por todo esse Têrço:
 Não he de Fortezal, não tanto hez
 Os agôz; Euzêdo, ou Euzêdo;
 Nêz, nêz, nêz, nêz, nêz, nêz;
 Que vives! Que agôz! Que cêrta!

XIV

Já os vives compõem: nêz vive
 Não trêz, ou hum gozo de sua maza:
 Vive, bella Repaz, vive, vive,
 Ai, acio de nêz, nêz, nêz, nêz;
 In têz, meu acio, me nêz;
 Mas agôz, ou nêz de nêz;
 Por he de nêz, nêz, nêz;
 Nêz, nêz, nêz, nêz, nêz, nêz.